

O Jornal das Senhoras – Tomo II – 12 de setembro de 1852 - Edição 37

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00037.pdf

TOMO II. – DOMINGO, 12 DE SETEMBRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS

Trinta e seis numeros do *Jornal das Senhoras* têm sido publicados até o Domingo passado e um artiguinho de modas ainda não appareceu, quer da minha antecessora, de saudosa memoria, quer feito por esta serva de Deus, que se occupasse das crianças, desse renovo das gerações! Como se elas não tivesse tambem um cantinho reservado, e necessario, nas distincções e variações da moda deixemol-as entregues ás disposições da thesoura inexperiente que ao acaso talha e retalha, e tudo o que sabe é bom — porque é para crianças. Isto até os oito annos; porque depois desta idade o costume é outro: se é menina passa logo de cabello cortado á suspirada trança e o mais que desejado pente, descem-lhe a bainha do vestido — e está *mocinha*; principia das *victimas* dos elogios indiscretos e fataes; e se é menino — uma casaca, um chapéo redondo, um par de botins envernizados e uma bengalinha é o facto com que o vestem, e eis um senhor homemzinho formado do pé para mão, passeando livremente, quando sahe do collegio de tarde, pelas ruas e praças da cidade, onde vai aprender as regras convenientes para tornar-se moço prematuro, e por via de regra — velho temporão que não póde resistir por muito tempo a bateria dos achaques e dóres.

Parece um pouco ou nenhum alcance, de nenhuma consequencia, o trage das crianças? Como se enganão... Se eu pudesse entender um artigo a este respeito estou que provaria evidentemente os funestos resultados que colhem estas innocentinhas criaturas quando as fazem chegar *antes do tempo* ao gozo de pequenos tragos da vaidade, que ellas vão sorvendo na taça das vãs persuasões, para terem de si convicções falsas que lhes produzem falsas impressões, funestissimas ao seu futuro desde tenra idade—na qual tudo fica e nada esquece...

Em toda a Europa a criança é criança, e como tal tratada, até os 10 annos; d'ahi aos 16 é menina; moça é só aos 20; e entra então a fruir as distincções e cortejos da sociedade. Que resultados tão felizes não se tira desta invariavel educação...

Já se vê por tanto que só em palavras isto não fica: o traje da criança, da menina e da moça, são appropriadamente empregados; o luxo está sempre na razão da idade, o amor paternal, por mais rico de dinheiro, não ousa transtornar essa gradação de vestuarios, e a criança, a menina e a moça estão contentes de si, surrindo assomos de innocencia e candura, porque ellas vêem suas companheiras de idade, mirao seu trage, e não lhe encontrão um só incentivo que vá germinar em seu tenrinho coração a perniciosa vaidade, e transtornar a sua juventude.

Para uma menina de 12 annos vereis na estampa que hoje vos offereço um apropriado *toilette*, que vem corroborar o que acabei de escrever. Ao primeiro golpe de vista já de póde conhecer que é—uma menina—seu *toilette* ainda conserva parte dos enfeites infantis que lhe dão tanta graça; na roda de suas companheiras, todas são crianças, brincão, saltão e riem; e assim a transição, á moças que hão de ser, se deslizada a par da candura de costumes entre esta nova geração de uma futura sociedade e de verdadeira civilisação.

Para o anno que vem terei a satisfação de apresentar-vos algumas estampas que vos indiquem o seguimento e alterações do vestuario de meninas, e mais outros que no meu humilde entender penso ser de importante utilidade.

Que saudade, Sra. D. Chistina, tem Vm. do seu tempo de menina...

Vamos descrever a estampa.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

A primeira figura da direita representa um *toilette* de passeio – Vestido de seda côr de palha ornado de tres ordens de garnição verde, em disposição; corpo afogado até acima com um pequeno e estreito collarinho voltado—Mantelete-chale, de seda verde claro com duas ordens de renda preta; a primeira ordem superior está cosida ainda sobre a barra do mantelete, mas a segunda, que é a da renda mais larga, apenas é presa sobre o seu orlado para cahir solta

sobre o vestido e produzir o bello effeito da transparencia—Chapéo de palha d'arrôs enfeitado com rendas pretas e flores do campo.

A figura do meio representa uma menina de doze annos, que revela o espirito e a galanteria parisiense por entre os adornos de um *toilette* apropriado para esta idade—O vestido é de seda riscadinha côr de rosa, decotado, e mangas curtas—Um elegante *canezou*, de caça branca, de mangas compridas, collarinho *basquine* e punhos de tira bordada, reveste o corpinho, tendo por ultimo enfeite *um cinto em chapa*, que vem a ser, essa fita de veludo preto que vem das costas formar laços de duas pontas sobre os hombros, e d'ahi desce depois para fechar na cintura deixando fluctuar as suas duas longas pontas—Penteado *à Corine*.

A terceira figura offerece um *toilette* de estar em casa ou de passeio ao jardim—Vestido de tafetás preto enfeitado de tres fitas de chamalote, as quaes são sobrepostas em largas pregas em fórma de *machinhos* que proporcionalmente vão se afastando até abaixo—Corpinho afogado, aberto no peito, de *basquine* de talho quadrado adiante, circulado todo de uma fita igual á da sáia—Mangas redondas alargando um pouco em baixo, enfeitadas com tres ordens de braceletes de fita igual, e submangas de renda *maline*; camisinha de caça com peito de pregas e uma golasinha desta renda—Penteado de bandós ondeados com uma touquinha de blonde ornada de fitas e rosas de musgo, cobrindo apenas a trança até ao repartido transversal do cabello, onde descança em forma de bico.

Infante 10 de setembro.

Chistina.

A MULHER

perante Deus e o mundo.

(*Continuação.*)

IV.

É no meio dessa antiguidade—desse começo da humanidade, que se ergue primorosamente essa personagem—a mulher—com todos os singulares attributos: a paciencia, a dedicação e a humanidade.

Escrava sublime, sujeita ao barbarismo supersticioso daquelles tempos biblicos, entre-abria apenas as palpebras, fôco da vida de sua alma,

para obedecer cegamente ao mundo tyranico dos seus senhores—ou para contemplar a furto o fructo do seu amor obrigado.

E n'alma ião-lhe sentimentos elevados, que ella devia agrilhoar nas algemas do seu martyrio, chamado: *dever*.

O dialogo que não era ouvido pelos homens, ouvia-o a criancinha estendida brincando ou chorando sobre as palhas.

O homem então era surdo, e só via na mulher um instrumento, como outros, que servia á reprodução. Não comprehendia o quanto havia de immensamente espiritual na sua companheira—não comprehendia que o amor a Deus agrinalda sempre o amor á mulher—que a mulher, a perfeita composição do Criador, a suave passagem da alma para a materia, era, como elle, destinada aos mesmos fins—senão a fins mais nobres.

Não se tragão para aqui os exemplos de mulheres perdidas daquella época; não; são exepções e estas não constituem regras.

Se erravão essas mulheres mais altamente erravão os homens.

Comprehendamos.

Assim como os costumes fazem os homens, e os homens são, por assim dizer, a expressão dos costumes, assim tambem a mulher sujeita a tão barbaros costumes, e a quem se não lia a pagina dourada da sua missão celeste, poderia obrigada por elles, ir com elles.

Naquelles periodos do primeiro capitulo da historia humana, onde faltavão as personagens para sua representação, tinha-se apenas em vista o *numero* e não a *quantidade*.

Parece que assim devia ser.

Com tudo, a prepotencia feroz do homem, aqui se apresenta como sempre vencedora, se é que o tem sido sempre completamente.

Collocavão elles a mulher, só e unicamente na criação das cousas da terra, quando ella tambem se acha, como estrella que brilha para elles, no firmamento infinito do espiritualismo.

Restos dessa velha superstição, bruxaleião ainda aqui e ali na carreira da civilisação.

Tem sido questão em differentes épocas a *emancipação moral da mulher*.

Questão por si mesma resolvivel. A má fé porêm que anda sempre rastejando nas crenças arraigadas, põe-lhe sérios embaraços.

Mas, tornemos ao proposito.

Tempos deverião vir, que mais illustrados e contemplativos, pasmassem maravilhados diante de tanta perfeição moral, como pasmára o mensageiro diante da belleza de Rabecca perto do poço.

Ella, a casta e innocente Rebecca, sentiu seu coração estremecer na presença desse mensageiro, que tão bruscamente a arguia.

Parece que sentiu ella todo o desprezo da sua posição.

Oh! sim! ella não ostentava esse despeito, por que não era do seu sexo o despeito, apenas profundamente estremeceu—duvidou.

E não será por acaso esse primeiro estremecimento, essa primeira duvida, a consciencia de sua superioridade?

Não se chame instinto o amor maternal; é indigna a classificação, sem caber a todas as mulheres.

A natureza depositou no coração da mulher um desejo vago e sagrado, um desejo que como nuvem move-se-lhe dentro d'alma—que ella não sabe explicar, nem distinguir, mas que o primeiro sorriso do infante lh'o vem explicar.

Não é de certo um desejo sensual em seu completo sentido, como muitos septicos o querem; mas um desejo de transmitir parte de sua alma n'um corpinho, que vem ao mundo sorrindo-se ou chorando—estatua de maravilhosa feiura que maravilha os olhos deslumbrados do escultor —a mãe.

Foi sempre o homem tão inclinado para o mal, que mesmo depois que Moisés lhe fez ouvir a voz do Sinai, que o cathequisou para a vida da eternidade, elle rebelde sempre a sãos preceitos, seguindo a vontade de seus sentidos, buscou entre os idolatras idolos para também adorar,

V.

Nas antigas republicas que se dizião no seu tempo civilisadas, enquanto as hordas que elles chamavão barbaras, as do interior da Europa divinísavão a mulher fazendo-lhe sentir toda a sua superioridade, a mulher não tinha senão um culto sensual.

Venhão, para ser isto comprovado, os exemplos das mulheres superiores, já tão citadas nos livros.

É que pois o augmento dos conhecimentos humanos tem quasi que roubado a espiritualidade do culto á mulher.

Entre os Hunos, era a mulher uma espécie de

semi-deus, que tinha de ler-lhes a sorte das suas excursões.

Não fallaremos n'outros exemplos da Mythologia: vamos só a factos que a historia juramentou.

Os Saxons consagravam ás suas mulheres um tal respeito, que as estimulavam a apresentarem o maior numero de citações de virtude. Ou na guerra, ou no valor domestico, havia para a mulher um altar de adoração.

Os Gaulezes não permettião a entrada no sanctuario mysterioso de Ermensúl senão a virgens; e entre elles era tambem a mulher não um objecto, mas um genio de veneração.

Parece pois que as primeiras excursões romanas e a fundação dos seus estabelecimentos na Gallia Germanica, que elles respeitavam selvagem, roubarão a esses povos pouco a pouco o culto sublime da mulher.

A mulher soffreu por largo tempo as variedades das incoherencias humanas – era ella, como que um pensamento grandioso n'uma cabeça leviana, incapaz de o conservar.

Firme porém na sua missão de continuado sacrificio, se gemeu, forão seus gemidos guardados nos berços, ou abafados pela voz trovejante do seu senhor—constante em acompanhar o homem, curvou a linda cabeça para receber o osculo ou a maldição. Jamais conspirou no seu longo captiveiro, pois que na eternidade lhe estava assignalada a divina redempção.

Nem um homem tinha apparecido, que meditando sobre essa sacerdotisa do tempo da humanidade, confirmasse os numeros factos que attestavam a sua primasia, e lançasse no mundo uma nova crença, ainda não seguida, que magestosamente simples lhe conviesse.

Os homens occupavam-se dos cantos de guerra—ou de acções nascidas entre paixões desenfreadas, que nada dizião, nada elogiavam, mas só fazião lembrar a materia—a bruta materia.

O tempo viria.

A historia de todos os tempos prova claramente a tendencia, que tem quasi todos os homens a fazer calar os brados da consciencia; acostumados então a sempre errar, transmittião uns aos outros defeitos acceitos – e o uso desbota as côres.

É por isso mesmo, que o homem acha sempre grande differença entre a linguagem de sua mãe, e a linguagem dos homens.

E como não deveria assim ser?

Se uma mulher mãe falla sempre o que a consciencia lhe diz—e o mundo traz á frente os artigos das suas conveniencias.

Nem sempre está a consciencia em harmonia com as conveniencias.

A primeira é obra pura de Deus—a segunda é obra informe dos homens depois de sujeitos ao erro.

A cartilha que rege o viver na sociedade humana, começou no primeiro artigo do peccado original, marchou sempre impavida, corrigida e augmentada atravez dos annos: d’ahi as differenças que se conhecem nas differentes idades da sociedade. Guardou porêem nellas mais ou menos, a mulher, o logar do dever, por que os direitos, esses só conservavão para si os homens.

Direito abominavel, por que vem da força bruta, bruta sim, porque ao menor raciocinio cahe infalivelmente.

A maior parte dos homens contentão-se com dizer: *está feito; para que pois innovações?* Este medo de não derogar velhos preconceitos, não é medo, mas consciencia intima de conservar esses preconceitos, que lhes dão uma usurpada superioridade—ou antes, medo de perderem o que recebêrão por dinastia.

Amão tanto essa herança, e com tudo quizerão sempre dizer-se livres!..

A liberdade tão decantada por velhas e novas gerações, conservou a mulher quase sempre n’um estado de servidão; e não se lembrão os homens, que a liberdade não é privativa do individuo para si mesmo, mas sim do individuo para os que o cercão—que ella é a ramificação de um tronco, ao qual todos os galhinhos pertencem igualmente.

Sim, por que a liberdade do homem deve estender-se a todos os sêres que pensão; e se a mulher pensa, tambem ella deve ter essa mesma liberdade.

Foi vicio dos primeiros homens, que não acceitárão a lei de Deus com a intelligencia devida ao homem.

(*Continua.*)

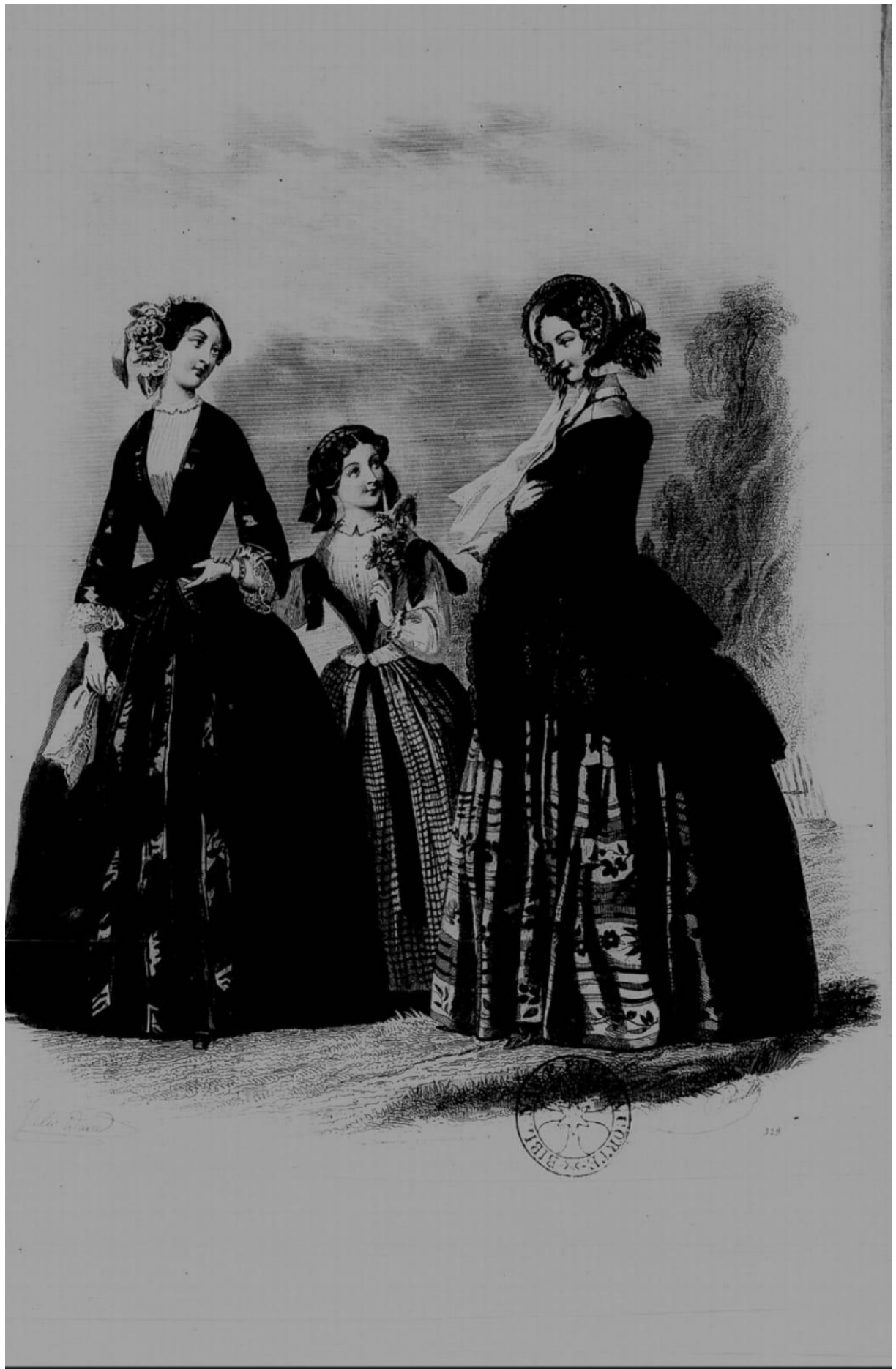
O CEGO DE NASCIMENTO.

Ai de mim, que sem remedio

Padeço cruento mal!

A’vida só tenho tédio,

Para mim, ella que val?!



Supporto pungente magoa,
Como se fôra uma fragoa,
De continuo a me abrasar!
Não tenho vista—sou cego....
As vezes quando renego....
Até chego a blasfemar...,

Ai ! que triste é minha sorte!
Todos me tem compaixão;
Não valera antes a morte,
Que viver um passado assim em vão!...
Todos me dizem passando
Meu triste mal lamentando :
«És cego? triste de ti!»
Assim ando amargurado
Entre os homens isolado,
Pois que já cego nasci!!

Nem se quer tenho esperança
De vê-lo um dia ter fim!...
Ai! p'ra mim não ha bonança,
Hei de viver sempre assim!?...
Jámais terei a alegria
De enxergar a luz do dia;
De ver terra, mar e Céu;
Que terei sempre adiante,
Sem que se erga um instante
Este negro, espesso véo!...

De que me serve ter tacto
Sómente para apalpar;
De que me val o olfato,

Se nada posso enxergar!...
Não hei de da natureza
Apreciar a lindeza,
Nem deste sol ver a luz ;
Não vejo o chão em que piso,
O azul do Céu não diviso
Da terra da Santa Cruz!...

Na doce voz da donzella,
Em meiga e terna canção
Sinto sua alma singella
Que me arromba o coração;
Porêm fico pesaroso
Por não sentir esse gozo
Que a vista só póde dar;
Se ao campo vou a tardinha,
Os trinos d'uma avesinha
Me acerbão mais o penar.

São estes tristes soídos
Que dizem ali sem mar;
Amo ir os seus gemidos
Sozinho é tarde escutar.
Só assim goza minh'alma
Um doce instante de calma
Callando no peito a dôr ;
Levo ali hora esquecida,
Em que não penso na vida
A gozar doce frescor.

Ai de mim, que sem remédio
Padeço cruento mal!
A vida só tenho tédio,
Para mim ella que val!?

Supporto pungente magoa,
Como se fôra uma fragoa,
De continuo a me abrasar!
Não tinha visto—sou cego!
As vezes quando renego....
Até chego a blasfemar!...

Philadelpho A. Ferreira Lima.

SENHORAS.—A Providencia Divina, sublime em todas as suas obras, esmerou-se, e quiz ostentar toda a sua omnipotencia, ao formar o vosso bello coração. Acreditai-me: sois entes mais perfeitos do que nós, porque ninguem como vós conhece as doces emoções da beneficencia. Será portanto em vosso hebdomadario, no *Jornal das Senhoras*, publicação que faz honra ao bello sexo, e tanto distingue o nome de sua Illustre Redactora, que um velho desconhecido dirija ao Sr. Forbes algumas palavras de admiração e reconhecimento. Contar-vos-hei pequena historia, e vós me comprehendereis.

Antonio Gomes de Sequeira Chaves, operario do Arsenal de Guerra, mancebo extremamente gago, andava ha dias pelas ruas desta cidade solicitando uma subscrição, para com o producto della tentar a cura desse defeito physico, que, entorpecendo a carreira do seu adiantamento, escaceando-lhe os recursos já mesquinhos do seu trabalho, tanto amargurava a sua existencia. Conseguiu o que desejava: a primeira pessoa a quem recorreu apresentou-o ao Sr. Forbes, que, informado de suas circumstancias, recusou-se a receber qualquer quantia. Não limitou o Sr. Forbes a este procedimento nobre e desinteressado todas as demonstrações de sua bondade: elle acolheu o mancebo com affabilidade paternal; com esse interesse que inspira o infortunio de um jovem a quem a natureza tudo concedera, menos o dom d'exprimir-se. Nas feições do illustre Professor alguém traduziria então estas palavras: —Sois meu filho; ha longo tempo vos esperava.—

O mancebo não comprehendia esta linguagem; não acreditava em sua cura, e ainda menos que ella pudesse operar-se com a breviedade que lhe assegurava o Sr. Forbes.

Este cavalheiro ao retirar-se, com o seu novo discipulo, para o gabinete de suas lições, convidou as pessoas que se achavão presentes a demorarem-se na sala para serem testemunhas do rapido melhoramento que obteria o nosso protegido; e com effeito, passados apenas dez minutos, eil-o que se apresenta! Era visivel a emoção do mancebo: em sua phisionomia, ha pouco abatida e melancolica, brilhava um raio de luz, de esperanza e felicidade! «Fallae, meu amigo, «lhe disse o Sr. Forbes, agora não acreditareis que «é um sonho a vossa cura.»

O mancebo pronunciou então, pela primeira vez em sua vida, distincta e correntemente al-

- 86 -

gumas palavras, que terminarão por estas: —Obrigado, Sr.—; porém este—obrigado—sabia tanto do fundo da sua alma; revelava elle tão profundo reconhecimento, que o Sr. Forbes, commovido até as lagrimas, abraçou o mancebo. Foi geral a emoção, e o vosso sexo, senhoras, que tambem ali tinha *dignissimas representantes* foi o espectador menos indifferente a esta scena tocante: eu vi seus belhos olhos humidecidos... e eu admirei uma vez mais o poder deste homem maravilhoso, que enxuga as lagrimas de pezar, e faz derramar as de prazer.

A cura ficou em grande parte realisada com a primeira lição; e o mancebo, entregue aos cuidados do Sr. Forbes, acha-se hoje plenamente curado, restituído á vida socia, rico de futuro e d'esperanças!

Senhoras, registai este facto em vosso precioso *Jornal*, não com os andrajos com que vol-o apresento, mas com essas pomposas vestiduras com que sabeis ornar as vossas mais predilectas producções. Só um elogio vosso póde elevar o Sr. Forbes à altura de que é digno: pagai, senhoras, vós que podeis tudo, pagai dest'arte ao illustrado Norte-Americano, que aportou ás nossas praias, uma divida contrahida pela humanidade inteira.

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1952.

Ao lermos esta carta despertáráo-se-nos todas as favoraveis disposições do mui justo merecimento que ha muito possue o Sr. Forbes junto da nossa consideração, e para logo mandámos admittir ás columnas do nosso *Jornal* este documento, prova irrefragavel de mais uma alma agradecida que, em nome da humanidade, veio ajuntar-se a nós para rendermos ao Sr. Forbes os devidos respeitos e alta estima que consagramos a todos os homens que, imitando o Sr. Forbes, não vacilão no beneficio do seu semelhante.

Da Redactora em chefe.

O CAVALLEIRO BRANCO.

Legenda Irlandeza

(Continuado.)

—Se sois o cavalleiro branco, entregai-vos, respondeu o official que commandava; é só a vós que procuramos; nenhuma outra pessoa aqui será inquietada. Sómente peço refrescos para minha escolta; e nós vos guardaremos nesta casa até o amanhecer do dia.

—Bem, não disputarei minha liberdade; sei que, defendendo-a, não acrecentarei mais um obulo em favor da minha sorte, que depende do lord presidente.

—Não pretendo iludir-vos, senhor cavalleiro, vossa submissão tardia será de um fraco peso junto da commissão militar, porque eis-aqui o decreto que determina vossa execução seis horas depois da entrega de vossa espada.

Mauricio se sentiu impalidecer pensando em Mina, porém não procurou vel-a.

—Eu suppunha, respondeu elle, que se me daria ao menos um dia para me preparar, para cumprir minha sentença.

—Nem uma hora de mais; as ordens que tenho são terminantes.

—Então, capitão, deixai-me só com meus pensamentos. Esta rapariga vai já prover-vos do que necessitais; reclamo de vós sómente o respeito devido para com ella.

—Eu o prometo; mas a pobre moça parece vivamente interessar-se na vossa sorte, senhor cavalleiro.... Sim, suas lagrimas são irreprehensíveis; porque impedistes a celebração de seu casamento.

—Mina, lhe diz o fingido cavalleiro branco, apertando-lhe a mão com intenção, vosso marido é um bravo mancebo, eu o conhecia bastante para saber que não tinha mudado seu coração por causa de um amor sem abnegação; podeis provar-lhe desenvolvendo nesta occasião a firmeza que de vós elle póde esperar. Se acontecesse de outro modo, vossa fraqueza lhe provaria que elle se havia altamente enganado.

A desgraçada menina reuniu todas as suas forças para domar o brado do desespero que ella sentia levantar-se em seu peito. Consentiu Mauricio retirar sua mão, e se conservou firme, immovel, por todo o tempo em que elle se ia afastando seguido de alguns homens que o escoltavão.

Tendo ficado só, Mina levou a mão á sua cabeça, pareceu querer chamar sua razão prompta a abandonal-a. Conservou-se alguns minutos na attitude de quem ouve attentamente, e quando ella sentiu fechar-se a porta do quarto, concentrou-se, cruzando as mãos sobre seu peito, e torrentes de lagrimas forão seu unico linitivo.

E' bem estranho que entre algumas mulheres esta nota de fraqueza preceda sempre uma resolução energica, um grande acto de firmeza! Miná fez cessar suas lagrimas, reflectindo que seis horas sómente erão concedidas á existencia de seu esposo; calculou portanto meios de salvação e de sucessos, e para logo os pôz em execução com uma admiravel rapidez!

Mauricio tinha sido deixado só, para que pudesse preparar para o seu proximo fim; estava em uma completa escuridão. Elle sentia que ia jogar um nobre papel, sem precedentes nos annaes do seu paiz, e queria morrer martyr de sua heroica fidelidade; mas ser arrancado do altar para caminhar para o patibulo, quando via diante de si um longo futuro de felicidade casando-se com sua terna Mina, era um assumpto de crueis pesares. Fatigado pela violencia de suas emoções, cedeu á necessidade do somno, quando sentiu a pressão ligeira de uma mão sobre sua fronte; elle estremeceu, e viu Mina diante de si, tendo uma de suas pequenas lanternas de furta-fogo chamadas *rushlight*.

—Silencio!... Mauricio, lhe diz ella em voz baixa. Quereis fazer um esforço para obter vossa liberdade?

Elle se pôz de pé olhando-a com surpresa.

- 87 -

Com um gesto, ella mostrou-lhe a porta e murmurou em seu ouvido :

—Os soldados estão todos lá, eu os embriaguei, e elles dormem em silencio na escuridão; apaguei todas as luzes. Não temais seus mosquetes, eu tirei a pedra de todos. Dois soldados sómente são para receiar: e são os que estão de sentinella da parte de fóra. Quanto a estes, deponde todas as vossas esperanças na protecção divina. Não percamos um momento, segui meus passos.

—Mas para onde contaes fugir, Mina?

—Para a caverna druidica onde Lord Fitzgerald se refugiou na desgraça dos seus.

Ella apagou sua lanterna. Atravessarão ambos com precaução extrema o quarto em que dormião os soldados; quando se aproximárão da porta da sahida, Mina pôz o pé sobre alguma cousa que estalou debaixo do seu pizar. «Os fragmentos do espelho! pensou ella, pobre tia!... ella rinha razão...» Um soldado despertou a este estalo e agarrando a capa de Mauricio.

—Quem está ahi? perguntou, quem sois?

—Deixai-me senhor, lhe respondeu em voz baixa a moça: vou procurar luz nas brazas da cozinha.»

O soldado largou a capa e tornou a preparar-se para dormir. Elles attingirão a porta da sahia.

—Agora minha cara Mina, lhe diz Mauricio, passai adiante, as sentinellas não se opporão a isto, e correi promptamente para o logar convencionado.

Mina obedeceu, sem hesitar um só instante. Algumas graças sobre sua sahida a semelhante hora forão os unicos inconvenientes que teve a superar. Quando tempo bastante para a evasão de Mina se passou, Mauricio embrulhou seu capote, ergueu suas mãos supplicantes para o Céu, implorando sua protecção, e se lançou atravez das arvores.

O espanto das duas sentinellas surpreendeu suas funções por alguns instantes; mas logo depois derão signal de alarma, atirando na direcção que o fugitivo tinha tomado: as balas sibilárão pelos ouvidos de Mauricio, que duplicou de velocidade. Elle ainda de longe podia ouvir as imprecações dos soldados subitamente acordados quando encontrárão suas armas incapazes do serviço. Mauricio distinguiu a pouca distancia o vestido branco de sua noiva atravez das arvores: Mina o esperava. Elle a tomou em seus braços, e ambos passarão o vau que os separava da gruta de Fitzgerald, onde chegarão poucos instantes depois.

Posto que felizes de se verem escapos deste primeiro perigo, não abusárão de sua posição, aventurando-se a sahir da caverna, porque sabião que a sua retirada seria descoberta; mas esperavão nesta crise ganhar algum tempo até a volta do chefe e de seus soldados. Com effeito, ao amanhecer os inglezes chegarão á entrada da gruta, mas não conhecendo-lhes as sinuosidades, e suspeitando alguma armadilha, parárão diante da abertura; ahi fizerão conselho para saberem o que havião de deliberar. Poucos instantes depois os fugitivos ouvirão o estrondo de pedras que erão amontoadas diante da abertura do seu refugio. Não podendo formar alguma conjectura sobre o projecto dos seus inimigos, esperavão com a maior anciedade. Repentinamente um clarão penetrou pela caverna.

—Olhai, cara Mina, o sol se ergue, e nós podemos esperar, a prompta volta do nosso chefe.

—Se esta claridade fosse do sol, Mauricio, nós de certo não poderíamos vel-a, é uma luz fatal... é a luz da *Rocha Negra*.

—Fatal, não para nós, Mina; porque neste momento ella allumia nossos inimidos.

Ambos se unirão devotamente sem communicarem seus terrores, por que alguns minutos depois um espesso fumo penetrava na caverna.

Deus de misericordia! exclamou Mauricio, elles vão nos asphixiar!...

Então elle quiz sair, e offerecer-se só ao sacrificio ... mas um calor abrasador o fez recuar precipitadamente. Mina o agarrou pela mão.

Resignamos-nos, meu amigo, lhe diz ella; tanto faz sahir como não, a morte é inevitavel. Não quereis, sem duvida, acabar nossos dias por um acto de cobardia, desonrando nosso fardamento; cumpramos nossos destino que permite que ao menos não nos separemos.

Mas a falta de ar lhe tirava a respiração ; ella dobrou os joelhos, e uma sorte de delirio se apoderou della..

Mina, querida Mina! exclamou o desgraçado Mauricio, animai-vos, deitai vossa fronte sobre a terra, que está ainda um pouco fresca...

Mas ella perdeu os sentidos, e cahiu dos braços do seu esposo.

Neste momento uma viva fuzilaria se tinha engajado fora! O combate foi curto, a entrada bem depressa desentupida, e o cavalleiro branco, a testa de seus bravos soldados, se precipitavão dentro da gruta. Elles carregarão o corpo inanimado de Mina e de Mauricio, restituindo-lhes o ar livre, e com os cuidados os mais carinhosos abreviarão o restabelecimento de todo o perigo.

O cavalleiro Branco recompensou este heroico devotamento unindo-os elle mesmo, e lhes firmando uma existencia folgada.

Sua affeição por seus fieis servidores se mostrava em todas as ocasiões ; elle encarregou-se depois da educação de seus filhos; fez tudo por elles; mais quanto á felicidade interior, de Mina e Mauricio elle não podia augmental-a... esta era completa.

Tres annos depois, Mina ensinava a andar ao seu primogenito sobre o musgo que nascia em torno da casa das arvores e da floresta. Um peregrino, curvado pelos annos, e fadigas da vida, caminhava lentamente para ella, implorando sua caridade. Mina se apressou em lhe dar alguns pormenores de acontecimentos e o convidou a aceitar um asilo, porque a noite se aproximava. De repente a luz fatal da *Rocha Negra* brilhou e veio esclarecer a face do velho. A moça esquecendo-se que se expunha ao mesmo perigo, agarrou-lhe no braço para o obrigar a entrar precepidamente para a cozinha... mas o velho pronunciou estas palavras: Mina O'Dillon! fica, eu não fujo mais a esta luz; o espirito que a preside está submettido á vontade de Deus. Seu poder

- 88 -

cessou, e Deus permitta que em favor das boas acções, esta luz funesta desapareça para sempre.

O velho estendeu as mãos para a rocha, e a luz enfraquecendo pouco a pouco, à proporção que o velho fallava, foi-se tornando menos distincta, e quando a luz completamente esvaeceu-se, nenhum traço do peregrino ficou visivel.

Desde este dia, a luz da *Rocha Negra* desapareceu.

Mme. Laura Prus.

EXPOSIÇÃO.

A imperial sociedade Amante da Instrucção, no Domingo 5 do corrente anniversario da sua instalação, expoz na sala de suas sessões as obras de agulha e *crochet* praticadas pelas alumnas do seu collegio durante o anno, a fim de serem taes productos vendidos em favor do mesmo collegio. Nós que lá estivemos e admiramos o bem acabado destas obras, a boa ordem e direcção de todas as cerimoniaes do anniversario em que reproduzirão ascenas mui tocantes as alvas e candidas virgens do collegio, não podemos deixar de louvar cordialmengte a digna Directora, a mãe carinhosa dessas orfãs entregues aos seus cuidados, a quem tanto devem ellas. E em nome da humanidade agradecemos á suprema directoria da imperial sociedade Amante da Instrucção seus continuos e desvelados esforços em favor dessa porção desvalida do sexo feminino,

Entre os muitos objectos que vimos, os seguintes merecêrão nossa attenção: —Oito quadros bordados, sendo dois de matiz, cinco de estufo, e um de meio ponto—Um rico boné de veludo—Um bonito par de chinellas de veludo—Uma bolça de velludo, tudo bordado a outro fino—Duas cêstas de flores feitas de flocos e contas—Duas outras de contas com flores de lã—Dois pares de suspensorios de talagarça bordados—Quatro pares de chinellas de lã bordaadas a ponto de marca—E cinco lindos tapetes pequenos para cima da mesa.

ASILO DE MENDICIDADE.

Em nossas mãos párao os regulamentos para o Asilo de Mendicidade que pretendem estabelecer nesta côrte os dignos empresarios os Srs. D. José Freire de Andrade, Lessa, e Guimarães. Por falta de espaço não lhe podemos dar publicidade por ora; mas desde já enlaçamos-nos aos bons desejos destes Srs., e contem elles com o nosso fraco apoio a tão util e ha muito reclamado fim.

RECTIFICAÇÃO.

Por um imperdoavel engano não publicamos o exacto nome da Illma. Sra. D. Maria Isabel Ferreira Chaves em nosso artigo de Domingo passado, quanto tratámos dos lindos tapetes de lã que vimos em casa do Sr. Dr. Ferreira Baptista e na do Sr. Antonio de Araujo Gomes. Era a esta interessante senhora a quem nos dirigiamos maravilhadas da perfeição e delicadeza dos seus trabalhos de lã.

Acompanha a este nº 37 uma linda estampa de *toilettes* de passeio e de menina.

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma peça de musica.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e COMP. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia DE SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca, n. 32.

Toda a CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por seis mezes, 6U000 rs. na corte, 7U000 rs. para as Provincias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. - Typographia Santos & Silva Junior, rua da Carioca n. 32.